

Que influência têm as migrações
na Copa Africana das Nações?

O economista Ennes Ferreira e pares tentam, no texto abaixo, estabelecer alguma correlação entre a percentagem de jogadores emigrados por país e o seu nível de desenvolvimento económico e social.

REFLEXÃO

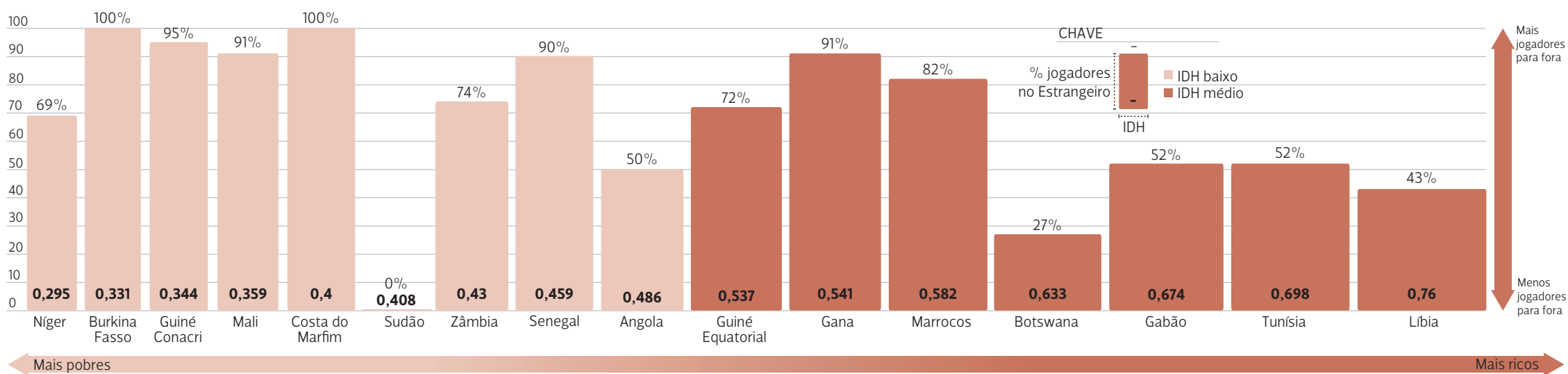
CAN 2012: a emigração tem influência?

'Fuga de músculos'

Para os 16 países presentes na fase final do CAN, a percentagem média de jogadores que actuam em clubes fora do seu próprio país é de 68,2%. Os casos do Burkina Faso e Costa do Marfim, todos os jogadores estão no estrangeiro.

Mais pobreza, mais migrantes

Relação entre IDH e jogadores migrantes



Fonte: Forbes

ELABORAÇÃO: SEMANÁRIO ECONÓMICO

Por
Jurgen Brauer,
Manuel Ennes
Ferreira e Sandro
Mendonça*

Coincidência ou sinais dos tempos, os organizadores dos dois últimos CAN são países exportadores de petróleo. Não é barato construir ou modernizar infraestruturas para receber uma prova de carácter continental. Assim foi com Angola em 2010 e agora acontece com a Guiné-Equatorial e o Gabão. Esta é a primeira vez que a Guiné-Equatorial participa numa fase final do campeonato africano das nações, ao contrário do Gabão que pela 5ª vez estará presente, tendo registado o seu melhor desempenho em 1996 quando chegou aos quartos de final, ficando em 1994, 2000 e 2010 pela fase de grupos.

Para os milhões de telespectadores que seguem a transmissão destes jogos, quer cidadãos africanos quer de outros continentes, há nomes de jogadores que são sonantes. E por que razão? Pelo simples facto de mostrarem toda a sua qualidade em clubes fora de África, particularmente na Europa, e ocuparem posições cimeiras em competições nacionais ou internacionais. Estão no palco. Esta emi-

gração qualificada no campo desportivo ou 'fuga de músculos', não é recente e acompanha a um ritmo crescente o movimento de globalização. O caso de Didier Drogba é, neste sentido, paradigmático. Nascido na Costa do Marfim, ainda 'canuco' foi tentar a sorte em França pela mão do seu tio. Não resultou e regressou ao seu país. Porém, em virtude de dificuldades económicas a sua família emigra para França quando ele tinha 12 anos, em 1989. Bom, e a partir daí foi o que se sabe. Numa altura em que o futebol é um espectáculo altamente mediatizado e lucrativo, juntar talento e qualidade com possibilidades de pagar salários que atraíam este tipo de jogadores, leva a uma emigração acentuada dos jogadores africanos. Este CAN 2012 é, à semelhança do que ocorreu nas edições anteriores, espelho disso mesmo.

Assim, e numa análise geral aos dados estatísticos a que tivemos acesso, para os 16 países presentes na fase final, a percentagem média de jogadores que actuam em clubes fora do seu próprio país é de 68,2%, com destaque para os casos do Burkina Faso e Costa do Marfim

onde todos os jogadores estão no estrangeiro, seguidos pela Guiné Conackry (95,4%), Gana (91,3%), Mali (91,3%) e Senegal (90,9%). No polo oposto sobressai o Sudão que é o único país que tem todos os jogadores a actuar no país, sendo o Botswana e a Líbia os outros dois países que têm mais jogadores na selecção se enquadrados em clubes nacionais. E para onde vão, então, os 247 jogadores africanos emigrados? De forma esmagadora para a Europa. Razões históricas ligadas ao passado colonial e possibilidades financeiras para adquirir estes quadros qualificados explicam o sentido geográfico desta emigração. Assim, 69 jogadores que actuam fora dos seus países estão ligados a clubes das ex-metrópoles, isto é, 27,9% dos jogadores no estrangeiro. Dada a globalização deste espectáculo e da emergência de novos países com clubes com posses financeiras para contratar jogadores, esta percentagem tem vindo a diminuir. Sinal dos tempos...

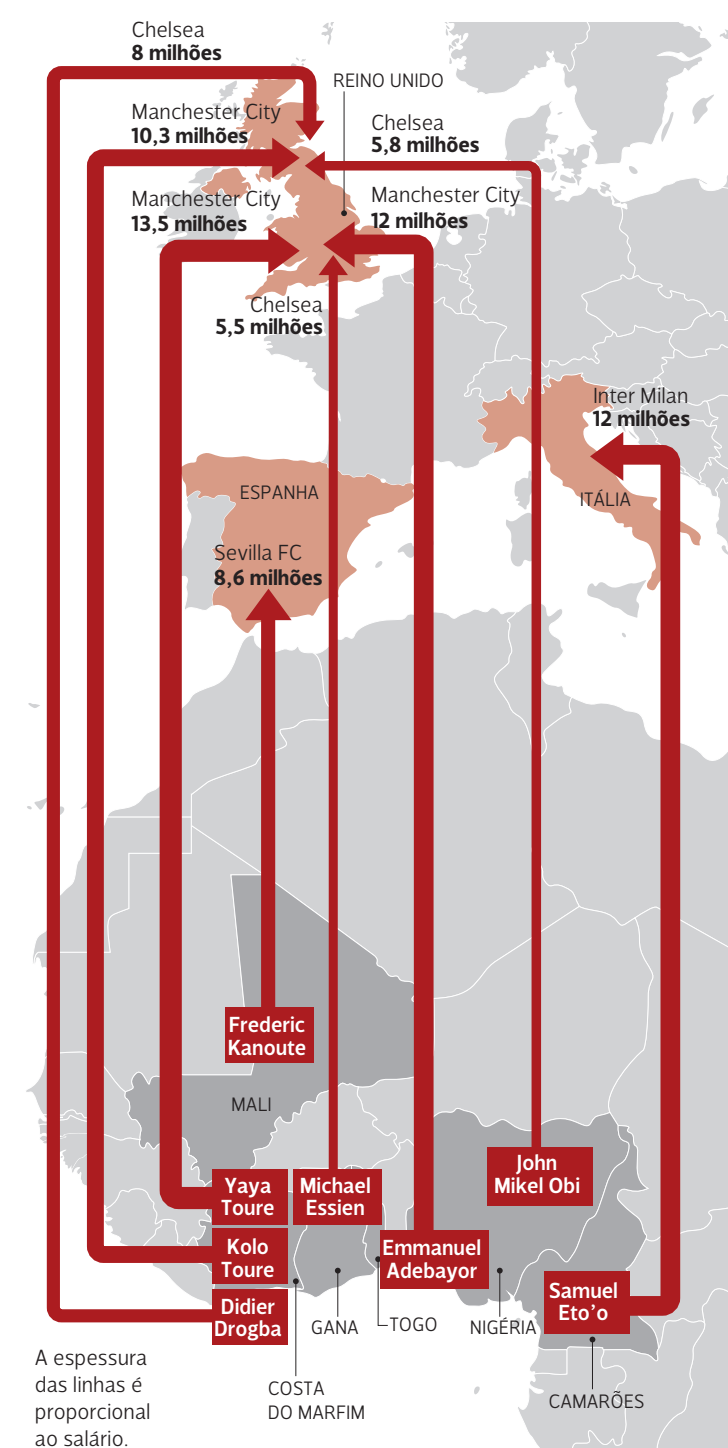
Mas em clubes africanos fora do seu país, apenas estão 19,4% dos jogadores, isto é, 48 em 247. Há um caso curioso que é o do Botswana

que tem todos os seus jogadores que estão fora do país num único país africano, a África do Sul. A Zâmbia tem igualmente uma concentração elevada de jogadores noutros países africanos (76,4%) bem como o Niger (68,7%) com a particularidade de, neste último, actuarem jogadores em sete países de África. O que nos leva a um outro ângulo de análise e que é o 'coeficiente de dispersão geográfica' dos jogadores, ou seja, o rácio entre o número de países estrangeiros onde actuam os jogadores de um país e o seu número absoluto. O destaque vai para o Niger (68,7%) graças a uma dispersão por países africanos, ao contrário do que sucede com a maior parte dos concorrentes. Por exemplo, o Burkina Faso (63,6%) tem jogadores em 14 países! Perto estão o Gana e a Guiné-Conackry, cada um com jogadores em 11 países diferentes (e 52,3% de dispersão geográfica), seguidos por Marrocos e Mali (42%) com jogadores em 9 países.

Quanto à influência do passado colonial, a relação é claramente mais nítida no caso das ex-colónias francesas. Aí mos-

Jogadores africano mais bem pagos

Salário anual (dólares dos EUA)



tram os seus dotes 56 jogadores o que representa 33,7% daqueles que actuam fora dos seus países. O destaque vai para o Gabão com 66,6% dos seus elementos no estrangeiro a jogarem em França, seguindo-se-lhe o Mali (61,9%) e o Senegal (50%). Relativamente a outras ex-metrópoles, a Guiné-Equatorial tem 62,5% dos jogadores no estrangeiro em Espanha, Angola tem 18,8% em Portugal, a Líbia ninguém em Itália e quanto ao Reino Unido, zero nos casos do Botswana e da Zâmbia e 4,7% para o Gana. É um caso muito curioso quando comparado com o francês.

Finalmente, tentámos estabelecer alguma correlação entre a percentagem de jogadores emigrados por país e o seu nível de desenvolvimento económico e social, aqui medido pelo Índice de Desenvolvimento Humano (indicador do PNUD e retirado do relatório anual de 2011). Como se pode facilmente verificar a partir do Quadro, há uma correlação nítida: quanto maior é o IDH menor é a taxa de emigração dos jogadores. Ou dito de outro modo, a taxa de retenção em clubes nacionais aumenta com o nível de desenvolvimento

do país. Isto retrata as melhores condições de vida e de exercício da profissão e que se traduz num menor incentivo a abandonar o seu país.

Depois de tudo isto, a chamada resposta de 'one million dollar' fica completamente em aberto com a análise estatística anterior. Se o vencedor for o país com maior rendimento per capita, então será o país anfitrião! Se for pelo IDH, será a Líbia! Se for pela maior percentagem de jogadores a actuarem em clubes nacionais, é o Sudão! Se for pela maior percentagem de jogadores no estrangeiro, então é o Burkina Faso! Parece-nos que até agora são só impossibilidades... mas a Costa do Marfim, afinal, está neste último caso. ●

* Os autores ensinam e investigam economia em universidades dos Estados Unidos, Portugal e Reino Unido, respectivamente.

Jurgen Brauer (Augusta State University; USA)
Manuel Ennes Ferreira (ISEG/UTL, Portugal)
Sandro Mendonça (ISCTE-IUL, Portugal)